

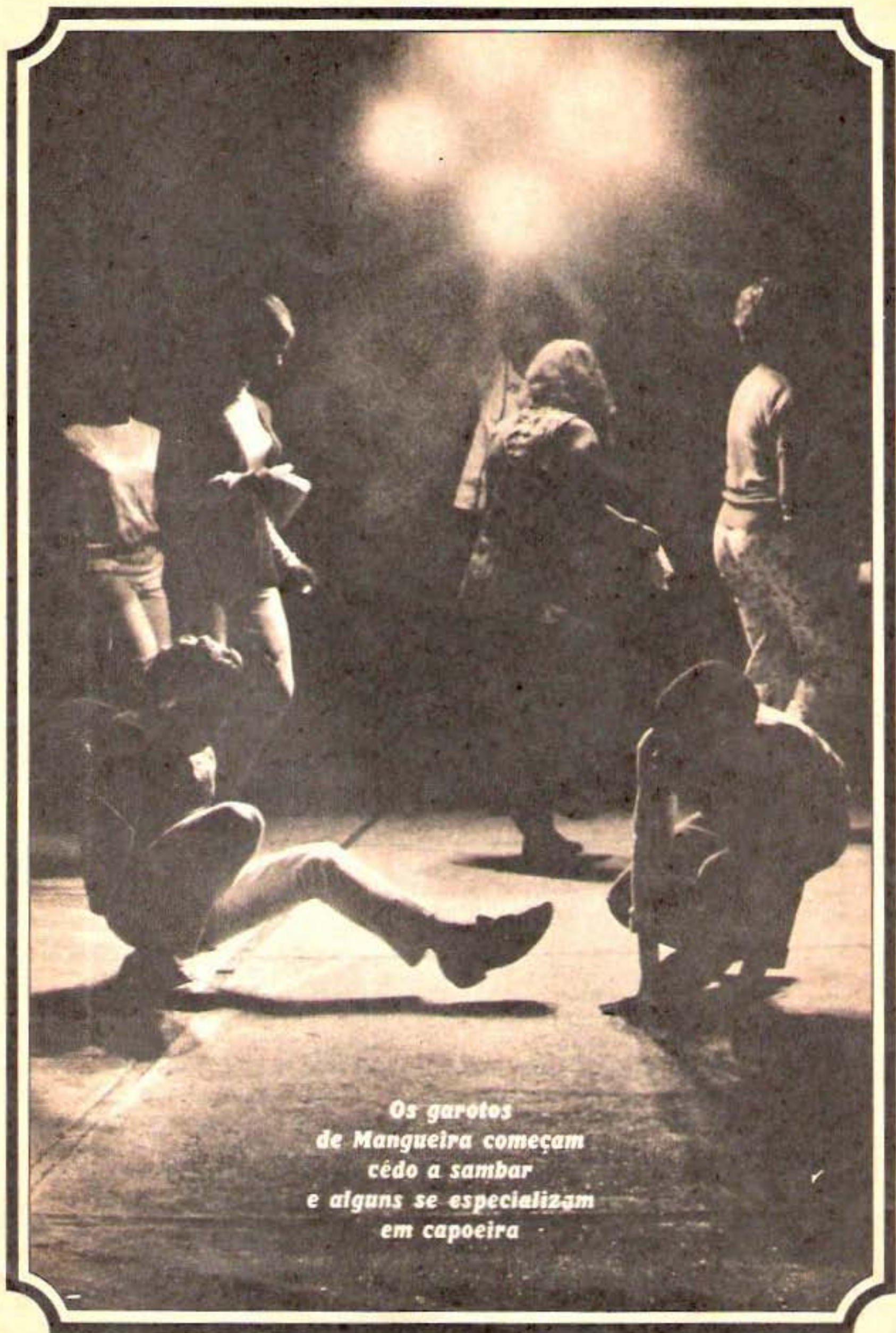
EBAL (EDITORA BRASIL-AMÉRICA) *apresenta:*

MANGUEIRA



ENREDO PARA O CARNAVAL DE 1970

**UM CÂNTICO
À NATUREZA**



**Os garotos
de Mangueira começam
cedo a sambar
e alguns se especializam
em capoeira**

UM CÂNTICO

A ESTAÇÃO Primeira da Mangueira resolveu este ano mudar o estilo de apresentação do seu enredo. Graças à idéia de Augusto de Almeida, cenógrafo da Escola, e da montagem do Diretor de Harmonia Jorge Zacarias, escolhemos um tema que exalta a própria vida.

“Um Cântico à Natureza” é a mistura da beleza poética de nosso País ao som do que temos de mais puro e nativo, o ritmo do samba.

A natureza, tão decantada em prosa e versos, fonte inspiradora de poetas e compositores, é representada hoje pelos sambistas da Mangueira.

A liberdade de sambar e contar as riquezas do Brasil foi a preocupação da Estação Primeira. Por isso, abandonamos o chamado enredo didático, onde, para acompanhar com fidelidade a História e as épocas, muitas vezes os sambistas ficam tolhidos no desfile por representar vultos famosos ou figuras pitorescas.

Neste enredo, procuramos mostrar o retrato fiel do Brasil que, por dádiva divina, a natureza nos proporcionou.

Desde o primeiro dia do seu descobrimento, nossa terra foi reverenciada por sua beleza natural. Já Pero Vaz de Caminha, em sua primeira carta a El-Rei de Portugal, dava conta da descoberta e revelava:

“Esta terra, senhor, de ponta a ponta é toda praia . . . e muito formosa . . . e a terra, por todo o chão, é cheia de arvoredos. Em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitar, dar-se-á nela tudo”.

Mais tarde, os próprios descobridores confirmaram a verdade profética do nosso primeiro cronista.

PERCORRENDO o Brasil de Norte a Sul e de Leste a Oeste, encontramos sempre a natureza vibrando em seu esplendor. São montanhas e planícies verdejantes, matas e campinas cobertas de flôres, vivazes e multicores, qual matizes de um “Santo Pintor”.

São árvores vergadas ao péso das frutas deliciosas que se assemelham a pingentes de um interminável colar; são aves de penas

À NATUREZA

exoticamente coloridas voejando em liberdade pelo límpido azul de nossos céus.

Os rios serpenteiam essas terras de imenso valor e beleza incomum. Ora plácidos e caudalosos, ora nervosos e borbulhantes, entre as pedras do seu leito, onde se esconde incomensurável riqueza de ouro e pedras preciosas. Por vêzes, êles se despencam, ensurdecadores, em majestosas cachoeiras, formando um imenso potencial energético, ou em românticas cascatas.

EXALTAREMOS a flora brasileira, vibrantemente decantada por nossos poetas em tôda a sua magnitude. Os campos floridos, os jardins dos amôres, a selva inexplorada e as florestas com seus encantos misteriosos. As rosas, símbolo do amor; a fiel recordação dos miosótis; a sinceridade da gardênia; o reconhecimento da dália; a rivalidade do cravo; o ardor da orquídea; a fascinação do girassol; a inspiração da margarida; o capricho da hortência; a fidelidade da violeta; a rudeza ingênua das flôres silvestres; os frutos tropicais de inigualável sabor, que tanta admiração causam aos estrangeiros.

O ouro e as pedras preciosas que, atraindo a cobiça dos nossos colonizadores, levaram os Bandeirantes a se embrenharem mata a dentro.

E foi nesta marcha pelos sertões brasileiros, que estenderam os limites do País até à configuração geográfica atual. Proporcionaram também o nascimento de uma sociedade tôda própria, de fausto e riqueza desmedida, copiando, e até mesmo superando, o explorador da Côrte portuguesa.

E foi esta sociedade, revelando o potencial de extraordinários recursos naturais do País aos brasileiros, que despertou, no nosso povo, o sentimento de nacionalidade e independência. Mais tarde, conseguimos também a independência econômica, explorando as principais fontes de divisas do Brasil, como o café, o açúcar, o cacau, a carnaúba, o algodão, a madeira, o petróleo e muitos outros produtos.





O ANO DO SACRIFÍCIO

DEPOIS da derrota no Carnaval passado e do esforço que a Mangueira foi obrigada a fazer para colocar suas finanças novamente em dia, Mestre Tinguinha, ex-presidente da Ala da Bateria e uma das principais figuras da Escola, afirmava:

— Este é o ano do sacrifício. Quem é de fora vai fugir, mas quem for mangueirense autêntico ficará.

Pouco a pouco, a profecia de Tinguinha foi se concretizando. Dos cinco mil componentes que desfilaram no ano passado, a Estação Primeira ficou restrita praticamente a metade.

— Isso foi muito bom porque nos alertou em relação ao futuro — advertiu o presidente Juvenal Lopes.

Contudo, quase no final de janeiro, os mangueirenses tiveram uma agradável surpresa: a volta de Gigi.

Sem poder viver mais longe de sua Escola preferida, Gigi entrou em contato com os dirigentes da Mangueira. Seu marido Wilson

Rezende não teve dificuldades para explicar:

— Ela não pode ficar mais de fora. É um problema sentimental.

E a resposta do Sr. Juvenal Lopes e de toda a diretoria foi imediata:

— Nem nós podemos ficar sem ela.

O assunto foi levado à quadra, e todos os componentes vibraram com a decisão de Gigi.

Gigi vem no final do desfile rodeada pelos Boêmios, a Ala mais antiga da Escola.

A mesma sorte, porém, não tiveram Carlinhos Pandeiro de Ouro, e Aizita. Ambos estão em Munique, na Alemanha, contratados pelo grupo Brasiliana para uma temporada na Europa até abril.

De lá e de cá, tudo foi feito para que Carlinhos e Aizita pudessem estar presentes no desfile de hoje. Entretanto, a responsabilidade profissional de ambos e o custo elevado das passagens de ida e volta impediram que isso se consumasse.

Carlinhos e Aizita só estão presentes em pensamento.

ROTEIRO

OS CINCO SETORES



A Mangueira vai dividir seu desfile em cinco setores, a fim de facilitar o contróle da direção de Harmonia e também para melhor apresentar o enredo "Um Cântico à Natureza".

A direção geral é de Jorge Zacarias, supervisionado por Darke e Maurício, e cada setor obedecerá a quatro comandos, auxiliados pelos diretores administrativos da Escola e pela Ala dos Compositores, de responsabilidade do presidente Comprido.

O total de componentes da Estação Primeira é de aproximadamente 2.500 sambistas e serão apresentados à Comissão Julgadora por Sérgio, Luizinho, Dácio, Eugênio, Melão, Jacó e Feijão.

Primeiro Setor: FLÔRES

Diretores de Harmonia — Genésio e Alberto
Diretores Administrativos — Djalma dos Santos, Juvenal Lopes e Alcione Barcelos
Compositores — Jacy, Ivan e Vaz
Comissão de Frente — Ala dos Duques (masc) — responsável Ciro Ramos
Abre-Alas
As Matas Verdejantes — Grupo As Caçulinhas (fem) — Vanda da Silva
Camélia: altivez — Grupo de Baianas (fem) — Dona Norina
Miosótis: fiel recordação — Grupo Teimosas do Rio (fem) — Enilda Matta
O Sol — destaque masculino — Carlos Carvalho
Crisantemo: amor findo — Ala Deixa Comigo (fem) — Omite T. de Jesus
Dália: reconhecimento — Ala Metida a Bacana (fem) — Nilcea dos Santos
Gardênia: sinceridade — Grupo de Baianas (fem) — Dona Carmem
Arco-Iris — destaque feminino — Maria Ramos
Cravo: rivalidade — Ala das Brasinhas (fem) — Ornélia dos Santos
Rosa: amor — Ala das Moderninhas (fem) — Clemilda dos Santos
Orquídea: ardor — Ala das Caprichosas (fem) — Irene Gomes da Silva
As Campinas — destaque feminino — Aparecida
Amor-Perfeito: pensamento afetoso — Ala dos Intocáveis (fem) — Tião
Girassol: fascinação — Ala dos Intocáveis (masc) — Tião
Prímula: primeiro amor — Aracy e seus amigos (misto) — Aracy
Hortências: capricho — Ala Escrete do Samba (fem) — Pardal
Flôres Silvestres — Ala Escrete do Samba (masc) — Pardal
Margarida: inspiração — destaque feminino — Dona Margarida
Margarida — Ala das Jambetes (fem) — Dalka Nascimento Dias
Jasmim: amor voluptuoso — Grupo de Baianas (fem) — Dona Raimunda
Flora Brasileira — destaque feminino — Dona Doralice
Papoula: fraco ardor — Ala É Com Nós Mesmo (fem) — Dona Maria
Alegoria — Exaltação às Flôres
Violeta: fidelidade — Grupo de Baianas (fem) — Dona Nenêga
Segundo Mestre-Sala e Segunda Porta-Bandeira — Arísio e Mocinha

Segundo Setor: RECANTOS PITORESCOS

Diretores de Harmonia — Balalaica e Roberto
Diretores Administrativos — Válder Policarpo, Lula e Mano
Compositores — Bira, Luís, Batista, Januário e Zé Branco
Recantos do Rio — Ala Sambossa (masc) — responsável Nozinho
Cariocas — Grupo das Brasas (fem) — Ivone Rosa
Recantos de São Paulo — Ala dos Invencíveis (masc) — Jorge Pereira
Recantos do Ceará — Ala das Moreninhas (fem) — Maria Aparecida da Silva
Recantos de Mato Grosso — grupo masculino de índios
Pontos Pitorescos — destaque feminino — Dona Vanda
Recantos do Amazonas — Ala dos Granfinos (fem) — Nicolau Cardoso
Recantos do Pará — Ala dos Granfinos (masc) — Nicolau Cardoso
Recantos do Espírito Santo — Ala Meninas da Praia (fem) — Vilma
Recantos do Rio Grande do Sul — Ala da Côte (masc) — Sidney Lourenço
A Lua — destaque feminino — Dona Cotinha
Recantos de Sergipe — Grupo Vem Depois de Mim (fem)
Recantos do Paraná — Ala Chove E Não Molha (masc) — Wanderley
Recantos de Pernambuco — Grupo das Ninfas (fem) — Deyse Cardoso
Recantos de Alagoas — Ala Deixa Isso Pra Lá (fem) — Maria Lucia
Recantos de Goiás — Ala Sambrasa (masc) — José Carlos
Recantos Brasileiros — destaque feminino — Dona Natalina
Recantos da Bahia — Ala das Princesinhas (fem) — Dalva Pereira da Silva
Recantos de Minas Gerais — Ala dos Esforçados (masc) — Válder dos Santos

Terceiro Setor: FAUNAS

Diretores de Harmonia — Bregogério e Afonso
Diretores Administrativos — Pedro Paulo, Roberto e Carlos Dória
Compositores — Telinho, Jurandir, Darcy, Prêto Rico e Tarcísio
Faunas Marinhas — destaque feminino — Dona Edith
Os Pescadores — Grupo Capoeira (masc) — Leopoldino
Alegoria — O Xarel
Os Peixes — Ala Comigo Ninguém Pode (fem) — Ubirajara Lopes
Os Peixes — Ala Comigo Ninguém Pode (masc) — Ubirajara Lopes
Riquezas Marinhas — destaque feminino — Dona Aparecida
Faunas Diversas — grupo masculino de índios
Aves do Paraíso — Trio Infernal (misto) — Terezinha
Passaradas — Grupo das Indiferentes (fem) — Regina Célia
Aves Multicores — Ala dos Barões (masc) — Juarez dos Santos
Faunas Brasileiras — destaque feminino — Edna
Pássaros da Amazônia — Grupo das Faceiras (fem) — Pretinha
Os papagaios — destaque masculino — Hélio
Aves do Amazonas — Ala dos Reis (misto) — Roque Luís
Primeiro Mestre-Sala e Primeira Porta-Bandeira — Delegado e Neide
As Onças — Ala das Gatinhas (fem) — Celina
A Cobra — destaque feminino — Ilka
Pássaros Selvagens — Ala Seresteira (misto) — Jorge Gomes Lemos
Uirapuru — destaque feminino — Iara Marques
Uirapurus — Ala Nós Somos Assim (masc) — Moacir Castelo Branco
As Borboletas — Trio Colored (masc) — Estudante
Ave Popular — destaque feminino — Crisolina
A Sabiá Laranjeira — Ala dos funcionários (masc) — Gomé
Faunas Populares — Solange e amigas (fem) — Solange
Os Bem-Te-Vis — Trio Mistura (misto) — Paulo Alves
Faunas de Penas — Ala dos Modernos (masc) — Elísio Goes

Quarto Setor: PEDRAS PRECIOSAS

Diretores de Harmonia — Leléu e Valdemar
Diretores Administrativos — Raimundo, Licinho e José Ramos
Compositores — Comprido, Miúdo, Pingo, Tojal, Ney e Hélio Turco
Brilhante — destaque feminino — Vilma
Os Exploradores — Ala dos Nobres (masc) — responsável José Macedo



ROTEIRO



- As jazidas — Grupo de Baianas (fem) — Dona Norina
Esmeralda — destaque (fem) — Aparecida
Os Exploradores — Ala dos Aliados (masc) — Wadinho
As Jazidas — Grupo de Baianas (fem) — Dona Poleta
Safira — destaque feminino — Glória
Os Exploradores — Ala dos Turistas (masc) — Aristoteles
As Jazidas — Grupo de Baianas (fem) — Dona Carmem
Rubi — destaque feminino — Dona Nair
Os Exploradores — Ala dos Príncipes (masc) — Ainaldo de Jesus
As Jazidas — Grupo de Baianas (fem) — Dona Dagmar
Água Marinha — destaque feminino — Leila Diniz
Os Exploradores — Grupo de Guerreiros (masc) — Vitor Moreira
As Jazidas — Grupo de Baianas (fem) — Dona Raimunda
Ônix — destaque feminino — Jacira
Os Exploradores — Ala Pobres de Paris (masc) — Manelzinho
As Jazidas — Grupo de Baianas (fem) — Dona Nenêga
Ametista — destaque feminino — Elvira Giaffoni
Os Exploradores — Ala Só Vai Quem Pode (masc) — Jorge Xavier
As Jazidas — Grupo de Baianas (fem) — Dona Poleta
Os Diamantes — Ala das Mimosas (fem) — Dalka
Os Exploradores — Ala dos Artistas (masc) — Italo
Topázio — Ala dos Embaixadores (fem) — Antônio
Os Exploradores — Ala dos Embaixadores (masc) — Antônio
Quartzo — Ala dos Embaixadores (mista) — Antônio
Os Exploradores — Ala dos Fidalgos (masc) — Jorge

ROTEIRO



Quinto Setor: PRODUTOS NATURAIS

Diretores de Harmonia — Jamelão e Maurício
Diretores Administrativos — Mano, Mário e Félix
Compositores — Balico, Dilmo, Paquetá, Fandinho e Geraldo das Neves
O Ouro — Ala dos Imperadores (masc) — responsável Paulo Roberto
O Explorador — destaque masculino — Bolinha
O Café — Ala dos Jornaleiros (misto) — Renato
O Milho — Trio Impossível (masc) — Carlinhos
O Petróleo — destaque masculino — Jorge Barbosa
As Oliveiras — Ala Milionários de Paris (fem) — Jarbas
O Salgueiro — Ala Milionários de Paris (masc) — Jarbas
Produtos Naturais — destaque masculino — Édson
A Mamona — Ala Elas Vêm (fem) — Félix
A Madeira — Ala dos Dragões (masc) — Jorge Santos
A Pinha — Trio Verdadeiro (misto) — Nina
O Fumo — Ala das Boêmias (fem) — Aracy Divino
A Borracha — Ala Mocidade do Sereno (masc) — Jorge Matos
O Babaçu — destaque feminino — Rosemary
O Mate — Ala Mocidade do Sereno (fem) — Jorge Matos
A Prata — destaque masculino — Galego
A Cana-de-açúcar — Ala Sutil (fem) — Elizabeth Silva
O Algodão — destaque masculino — Jorge Pereira
Os Algodões — Ala da Firmeza (masc) — Murilo
O Bismuto — Trio de Ouro (masc) — Pimpolho
O Amendoim — Ala das Cabrochas (fem) — Delegado
O Pomar — destaque feminino — Dona Miúda
Alegoria — O Pomar
A Anona — Trio Verde e Rosa (misto) — Miro
A Banana — Ala As Mirabolantes (fem) — Marlene
A Cevada — destaque feminino — Glaucia
Frutas Diversas — Grupo dos Seis (masc) — Geraldo Diniz
A Macieira — destaque feminino — Maria Helena
Os Vegetais — Brasil Ritmo-67 (masc) — Beterláu
As Laranjas — Ala Garôtas do Rio (fem) — Marlene Simões
A Pereira — destaque feminino — Anik Malvil
Os Coqueirais — Conjunto Astral (masc) — Manga
Frutas Diversas — Ala das Baianas Grã-finas (fem) — Dona Isabel
As Salinas — destaque masculino — Toninho
Os Abacaxis — Ala Depois Eu Digo (fem) — Néia
Natureza — destaque feminino — Zinha
O Jambo — Ala dos Periquitos (masc) — Jorge
O Cacau — Ala Ninguém É de Ninguém (fem) — Maria Helena
As Riquezas Naturais do Brasil — destaque masculino — Olavo
A Uva — Grupo do Grajaú (masc) — Nei Martins
As Uvas — Ala das Impossíveis (fem) — Ely
Nêspira — destaque feminino — Gigi
Nespereira — Ala dos Boêmios (masc) — Luís
Ala da Bateria — Presidente — Valdir
1.º Diretor de Ritmo — Valdemiro
2.º Diretor de Ritmo — Saratoga
Cantores do Samba-Enrêdo — Ailton, Jorge Zagaia, Jorge Pelado e Osvaldo Guedes
Figurista — Aelso
Montagem — Jorge Zacarias
Alegorias e Enrêdo — Augusto de Almeida



MANGUEI

INSPIRAÇÃO



RA

DE POETAS

POUCOS recantos, bairros e morros do Rio tiveram o privilégio de serem tão lembrados e cantados como Mangueira.

Algumas fábricas gravadoras de discos já chegaram até mesmo a lançar long-plays e compactos com músicas que falam apenas dela, dos seus barracos, de sua gente, de sua vida.

Entretanto, a Mangueira não inspirou apenas os poetas do morro para suas composições, mas também gente do asfalto, intelectuais e até mesmo compositores de outras Escolas de Samba.

Quem não se lembra de "Fiz Por Você o Que Pude", de Cartola. Ainda do morro, "Semente do Samba", onde o compositor Hélio Cabral diz que "Mangueira dá um fruto que se chama samba".

Das obras de Néelson Cavaquinho, quando afirma, em "Pranto de Poeta", que fica feliz em Mangueira porque lá, quando morre um poeta, todos choram. Também de Néelson Cavaquinho, de parceria com B. A. Soares e J. Ribeiro, "A Mangueira Me Chama" e logo depois, juntamente com C. Queiroz, ele compôs "Sempre Mangueira".

"Sei Lá Mangueira" foi o último sucesso de músicas que falam do morro. Ela foi feita por Paulinho da Viola, da Portela, e Hermínio Bello de Carvalho, um compositor do asfalto.

Existem as músicas onde Mangueira foi apenas lembrada e saudada, mas que fizeram muito sucesso, como "Praça Onze", de Herivelto Martins e Grande Otelo; "Palpite Infeliz", de Noel Rosa e Vadico; "Quando o Samba Acabou", também de Noel Rosa; e os partidos-altos do grupo Tradicional — "Piedade" e "Barracão É Seu".

Mas, foram os compositores do asfalto quem mais homenagearam e decantaram Mangueira com músicas inesquecíveis: "Mundo de Zinco", de Nássara e Wilson Batista; "Exaltação a Mangueira", quando Eneas Brites e Aloísio A. da Costa dizem: "Mangueira teu cenário é uma beleza"; "Mangueira", de Assis Valente; "Lá Em Mangueira", ainda de Herivelto Martins e Heitor dos Prazeres; "Sabiá de Mangueira", de Benedito Lacerda e Frazão; "Despedida de Mangueira", também de Benedito Lacerda e Aldo Cabral; "Rêde de Mangueira", de Buci Moreira e Francisco Modesto; "Enquanto Houver Mangueira", de Roberto Roberti e Arlindo Marques; ou a despedida carinhosa de Herivelto Martins, com "Saudosa Mangueira".

Por outro lado, surgiram também composições onde incentivaram e alertaram a Estação Primeira para retomar sua liderança entre as Escolas de Samba. Foi um período péssimo para a Escola, que não conseguia organizar um bom desfile e não passava do terceiro lugar, na década de 50.

Pedro Caetano, então, compôs "Onde Estão os Tamborins" e logo depois, com o mesmo espírito de crítica construtiva, Luís Bandeira fazia "Levanta Mangueira". Enquanto isso, Mirabeau e Wilson de Oliveira pediam: "Fala Mangueira".

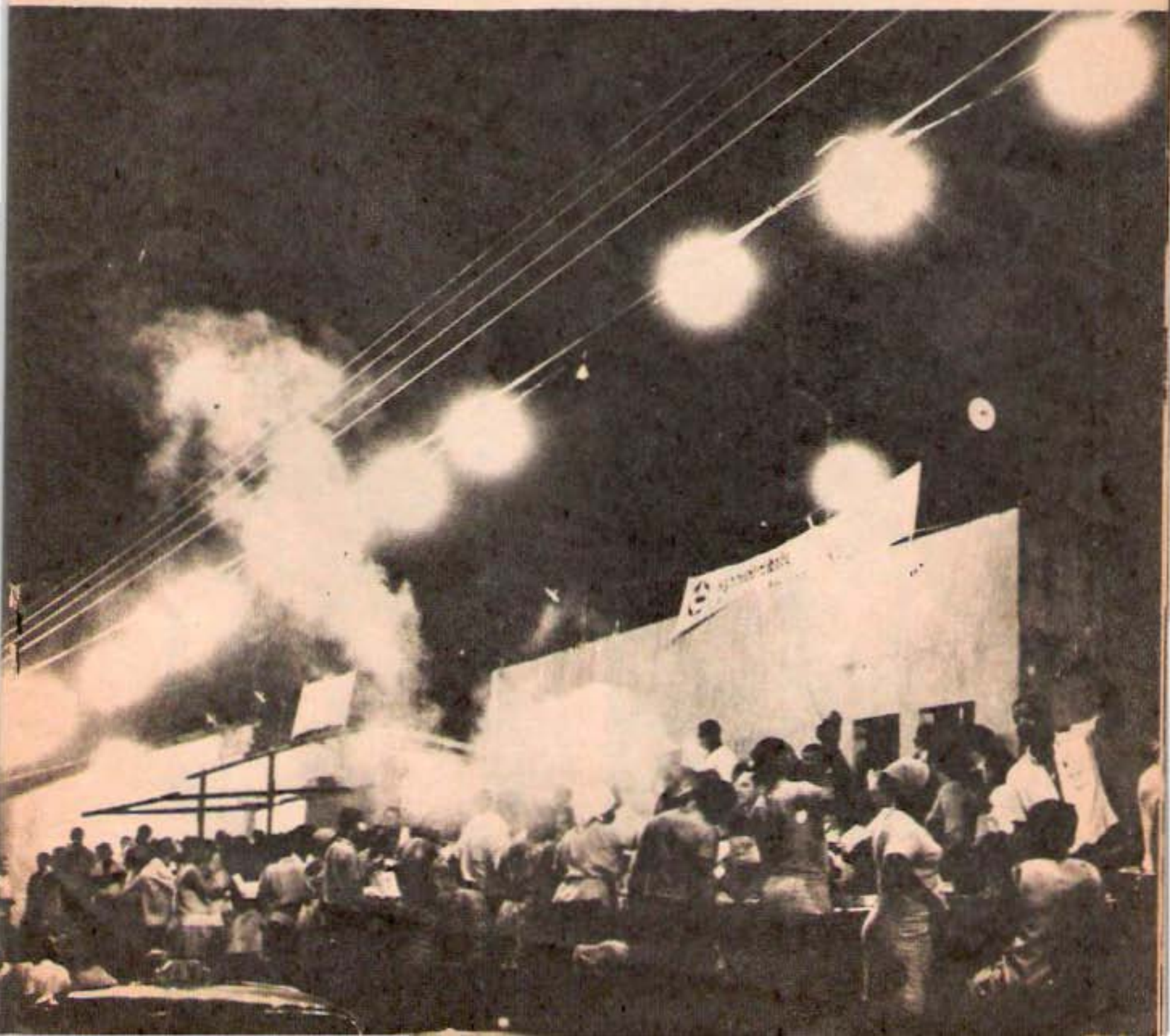




**Nos ensaios
ou nos
desfiles, os
mangueirenses
se empregam
com o mesmo
entusiasmo**

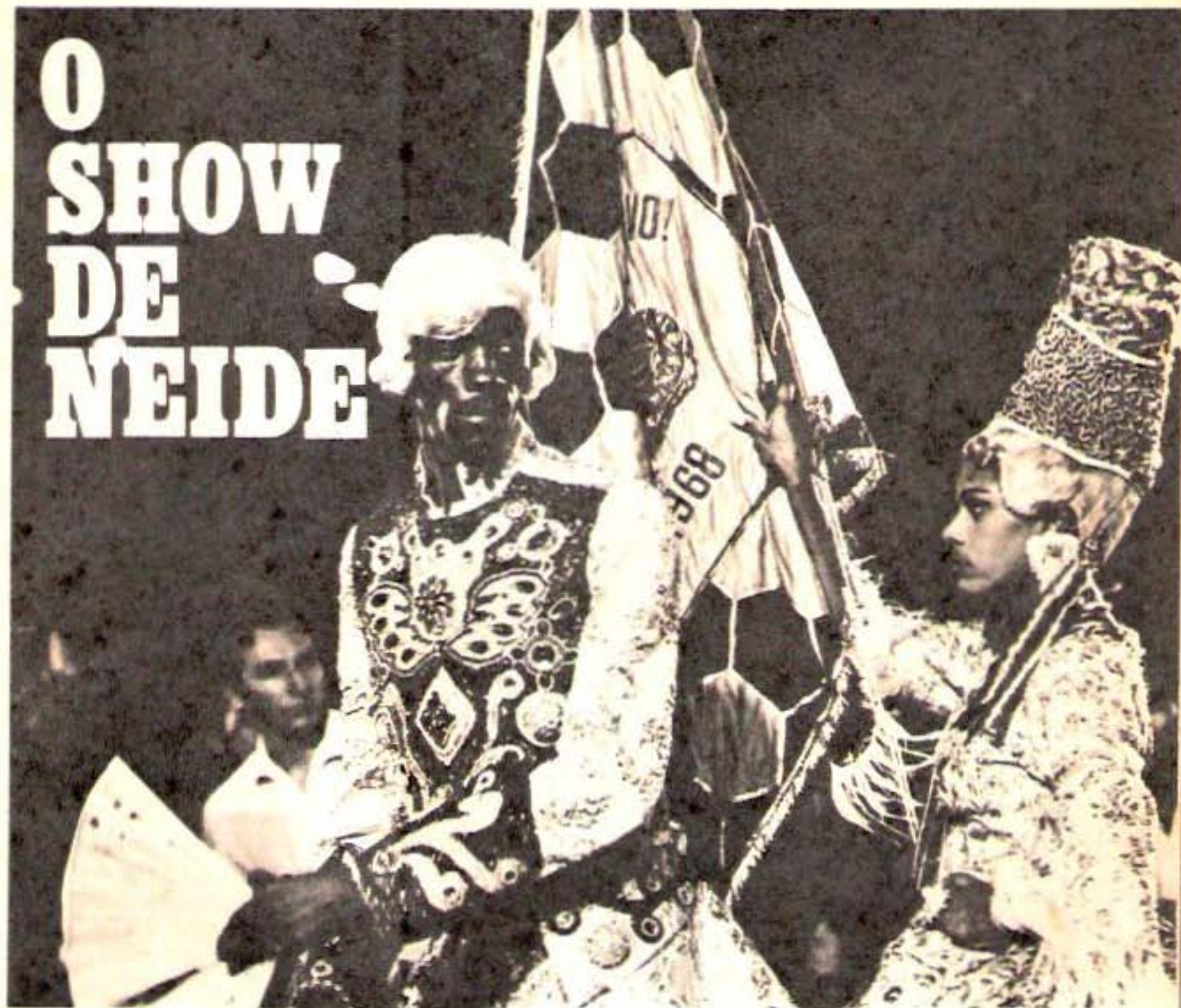








O SHOW DE NEIDE



DURANTE todo o ano passado, a Mangueira estêve apreensiva com relação à sua Porta-Bandeira. Neide, por motivos particulares, tinha resolvido não desfilar mais.

Delegado, seu parceiro como Mestre-Sala há mais de 10 anos, passou a ensaiar quase diariamente Vilma e Mocinha, uma das quais a substituiria.

Ambas já estavam bem preparadas e em condições de sustentar a hegemonia da Escola nesse quesito. Contudo, num domingo de dezembro, Neide foi à quadra assistir ao ensaio e não se conteve: pegou a bandeira da Estação Primeira, chamou Delegado e deu um autêntico show.

Encostadas na grade, Vilma e Mocinha aplaudiam a colega sambista, enquanto os passistas e pastoras abriam espaço para o

melhor par de dançarinos de tôdas as Escolas de Samba.

No final, com lágrimas nos olhos, Neide esqueceu seus afazeres e problemas particulares, chamou alguns diretores da Escola e indagou:

— Eu ainda posso sair?

A resposta positiva foi imediata. Vilma e Mocinha foram quem mais torceram pelo sim.

— Afinal, quem ganha com a volta de Neide é a própria Mangueira — disseram.

Neide também participa dessa opinião.

— Quem ganhou realmente foi a Mangueira, porque, agora, tem três Porta-Bandeiras e pode escolher sem susto qualquer uma para desfilar.

O maior desejo de qualquer passista ou pastora é se tornar Porta-Bandeira um dia,



NEIDE

mas, na Mangueira, é diferente. Neide nunca saiu por outra Escola de Samba. Foi menina para Mangueira e já aos 14 anos iniciava sua carreira de Porta-Bandeira, como segunda de Nininha.

No morro, todos elogiavam sua maneira de dançar, pois muito se assemelhava à da sua tia Lina, que, juntamente com seu tio Arlindo, formavam o par de Mestre-Sala e Porta-Bandeira mais elegante da Mangueira.

A não ser no primeiro ano que desfilou, Neide sempre saiu com Delegado, com quem se entende muito bem nos complicados passos diante da Comissão Julgadora.

Com 15 anos, ela substituiu Nininha e



sempre obteve o primeiro lugar no quesito, embora em alguns desfiles não tivesse alcançado a nota máxima. Só uma vez Neide ficou ausente. Foi em 1965, quando esperava neném e foi obrigada a ceder o posto a Mocinha, que hoje desfila como segunda Porta-Bandeira ao lado de Arísio.

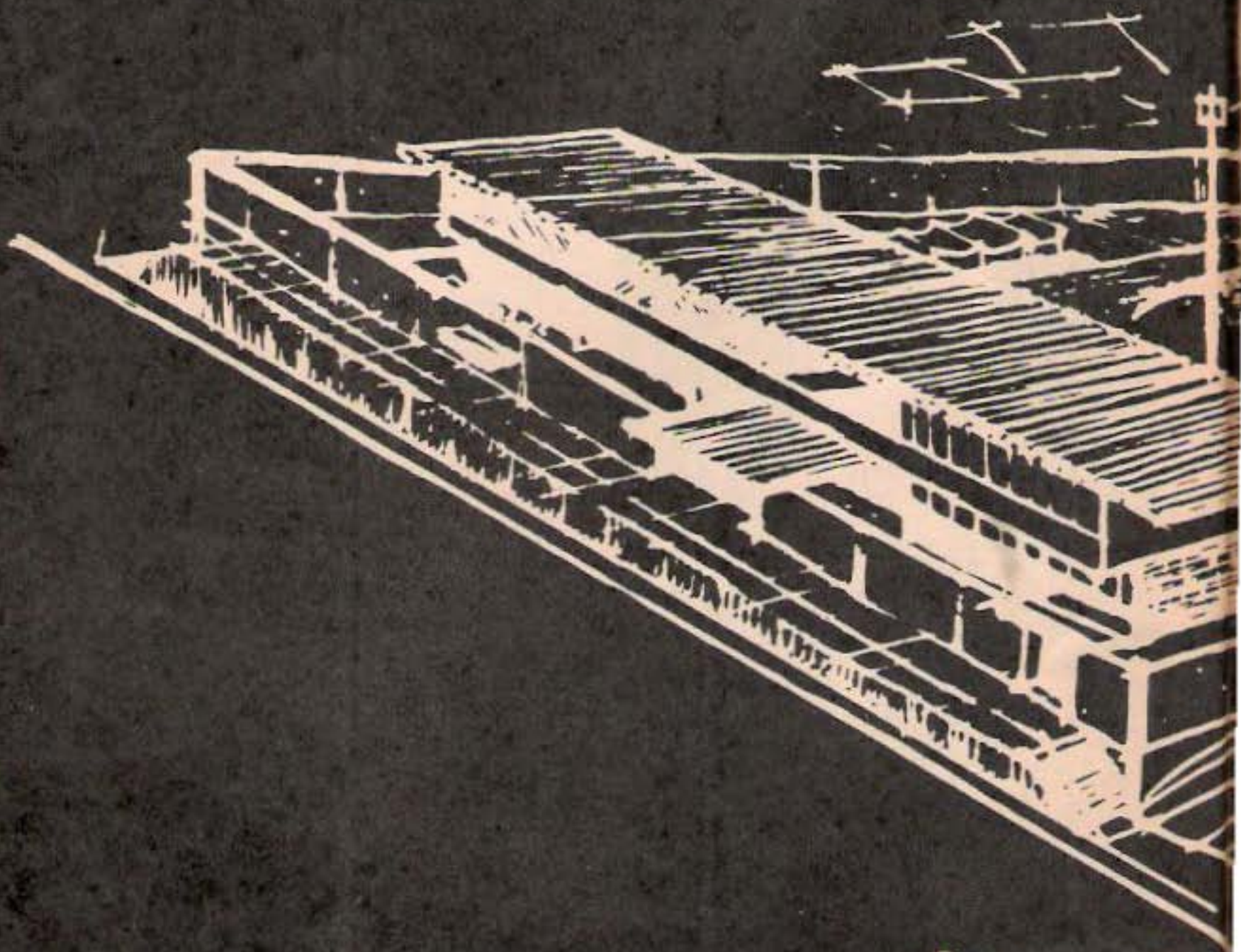
Quanto a Delegado, com seus 52 anos de idade, já tentou deixar seu lugar para outro. Ele próprio, em 1962, treinou Robertinho e chegou até mesmo a apresentá-lo como seu substituto. Tudo estava acertado. Mas, dias antes do desfile, Delegado foi obrigado a ceder diante dos inúmeros apelos recebidos dos mangueirenses, e ficou até hoje.

Delegado entrou na Mangueira em 1948 já como primeiro Mestre-Sala, substituindo a Jorge Rasgado, que foi o seu professor. Já desfilou com Nininha, Maria José e Mocinha, além de Neide. Desde 1958, quando foi instituído o concurso dos quesitos Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Delegado tem conseguido a nota 10. É por esse motivo que seus próprios companheiros de outras Escolas o chamam de Príncipe.





MANGUEIRA

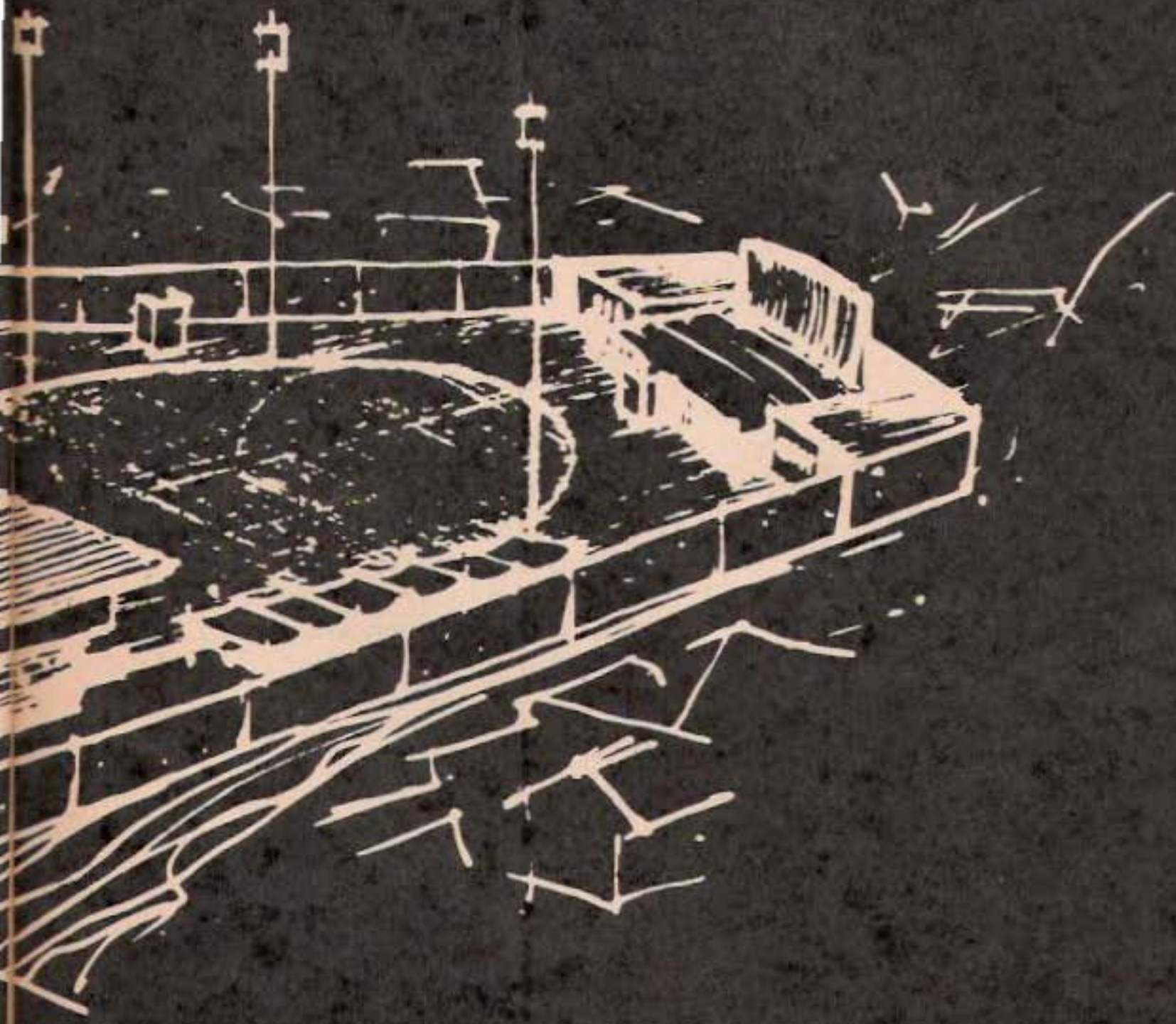


PERSPECTIVA



FACHADA: VIS. NITERÓY.

DE AMANHÃ



DE CONJUNTO.



VISTA DA BATERIA

DENTRO do seu plano de expansão, a Estação Primeira da Mangueira já tem idealizado o anteprojeto para a construção de sua nova sede, onde aumentará em muito o conforto e a capacidade do seu público nos ensaios.

O planejamento foi feito pelos arquitetos Sabino Barroso e José Leal, que pertenceram à equipe de Oscar Niemeyer, e já foi levado, inclusive, ao Dr. Raimundo Paula Soares, Secretário de Obras do Estado da Guanabara.

— A Mangueira, realizando isso, está colaborando decisivamente com o turismo — declarou o Dr. Paula Soares ao receber os diretores da Escola, quando foram pedir o auxílio do governo para a obra.

A idéia da nova Mangueira partiu dos próprios arquitetos, que só a apresentaram à Escola depois do trabalho pronto.

O objetivo de ambos foi aproveitar ao máximo o espaço. As dimensões do terreno já são acanhadas para os mangueirenses, mas não há possibilidades de um alargamento. Além disso, houve também a preocupação de não modificar o sentido estético de uma Escola de Samba de morro, uma vez que esse é um dos principais motivos que atrai os turistas.

Assim, dando uma idéia geral, a quadra de ensaios passará a ser oval, dividida em dois círculos.

— Quando o ensaio fôr mais fraco, um dos círculos poderá ser fechado para ser ocupado com mesas e cadeiras — explicou Sabino Barroso.

O palanque da bateria será deslocado para o final da quadra, onde atualmente está localizada a sede administrativa. De um e de outro lado, serão construídos banheiros para senhoras e cavalheiros.

No local onde se encontra hoje o palanque da bateria, será montado um bar complementar em toda a sua extensão. Do outro lado, o palanque dos compositores continuará no mesmo lugar.

As obras fundamentais, porém, serão na entrada, onde o terreno é bem mais largo que no fundo. Assim, os arquitetos planejaram construir um andar sôbre pilotis.

O bar permanente, que funciona de frente para a quadra, será armado de lado. Junto a êle, haverá lugar para um outro bar complementar.

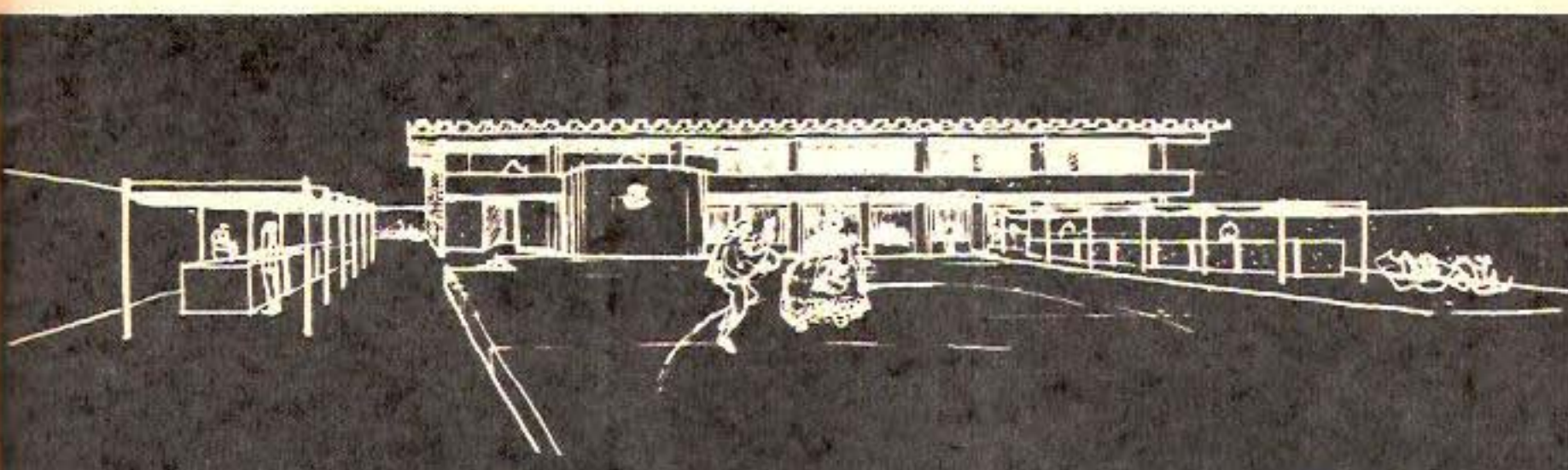
Do lado direito de quem entra na quadra, serão construídos mais sanitários para homens e mulheres, totalizando uma área de 114 metros quadrados de banheiros.

Na parte superior, então, será feito um outro bar e um grande salão para qualquer festividade social que a Mangueira queira realizar, ou até mesmo para ensaios em dias de chuva.

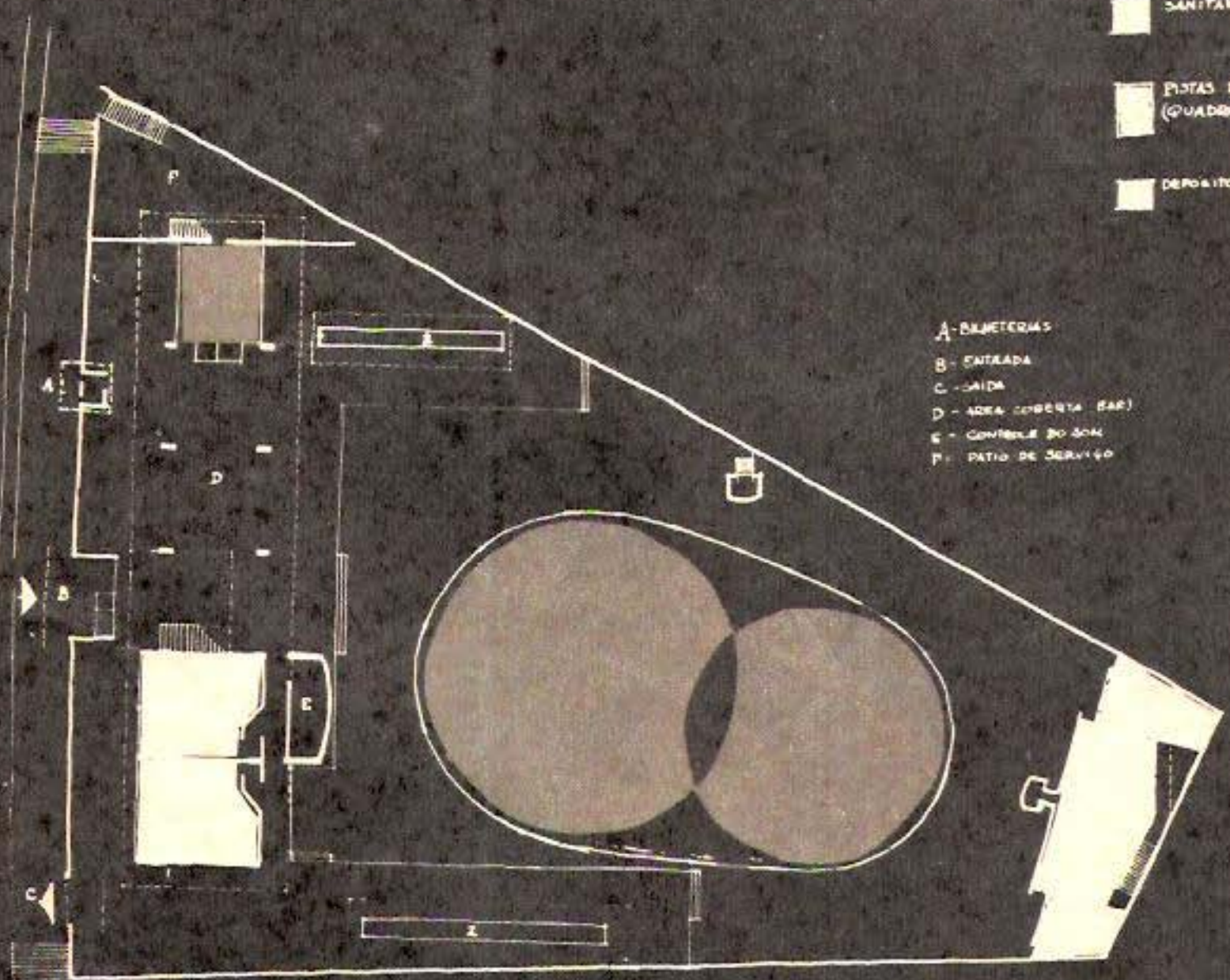
Do outro lado do salão, em cima dos sanitários, ficará a administração da Escola.

No palanque "E", demonstrado no anteprojeto, ficará o contrôle de som, e serão construídas, sôbre sua laje, as tribunas de Honra e da Imprensa.

As mesas e cadeiras continuarão a ser colocadas em derredor da quadra, e a bilheteria, roletas de entrada e saída também não serão modificadas.



- BARES**
 1- POPULARES
 2- COMPLEMENTARES
- SANITARIOS**
- PISTAS DE SUBIDA (QUADROS)**
- DEPOSITO DE BATERIA**



- A - BARRIETAS
- B - ENTRADA
- C - SAIDA
- D - AREA COBERTA (BAR)
- E - CONTROLE DO SON
- F - PATIO DE SERVIÇO

BAIANAS SÃO TRADICIONAIS





A ALA das Baianas é um dos maiores orgulhos da Mangueira. Algumas delas ainda são tradicionais: velhas doceiras que vendiam seus quitutes nas ruas, expostos num tabuleiro.

As mais novas têm sempre mais do que 40 anos, embora nenhuma delas queira ser a mais idosa. Se alguém quiser saber qual é a baiana mais velha da Escola, imediatamente elas respondem que era Dona Senhorinha, falecida no ano passado.

— Ela era do tempo do Arengueiro — dizem. Do tempo em que só valente desfilava naquele bloco, e Senhorinha era muito brigona.

Coube a Roberto Paulino, em 1961, a iniciativa de trazer de volta para a Mangueira as velhas baianas. Ele era presidente da Estação Primeira, e teve o trabalho de endereçar a tôdas elas, que já estavam descansando, uma carta escrita do próprio punho convidando a se reintegrarem à Escola.

— Nós chegamos a chorar quando lemos a carta, e ainda a temos guardada como recordação — conta Dona Raimunda, que foi a primeira Porta-Bandeira da Estação Primeira.

As baianas são obrigatórias, pelo regulamento, nos desfiles, e Roberto Paulino queria que, pelo menos, 80 por cento delas fôssem tradicionais. Hoje, o índice é de 60 por cento, mas, mesmo assim, é muito difícil qualquer uma entrar na Ala.

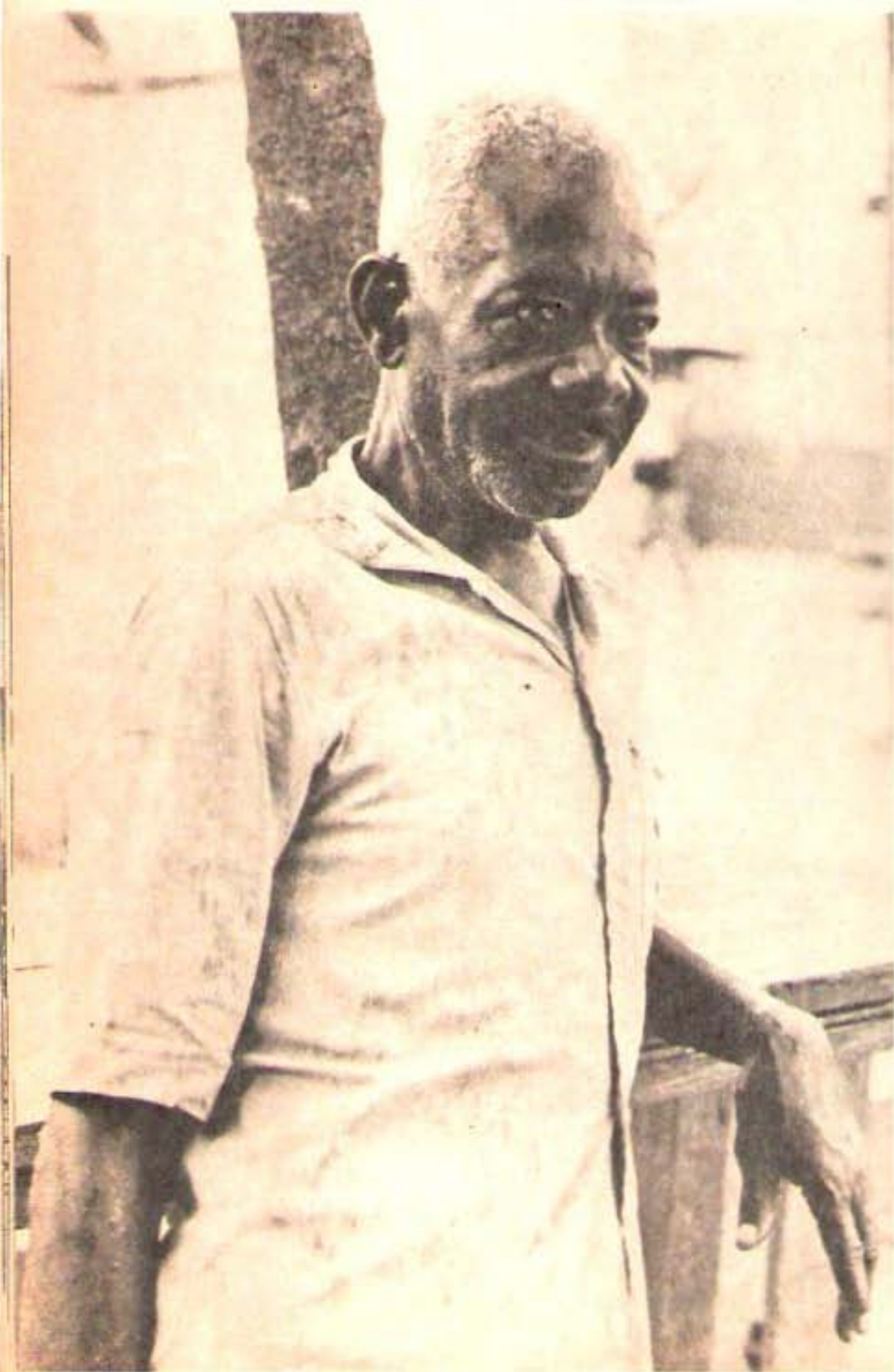
A responsabilidade das baianas é toda da Escola, coisa que Juvenal Lopes fez questão de herdar. Contudo, as coordenadoras são: Dona Raimunda, Dona Carmem, Nenêga, Dagmar e Dona Norina.

Cada uma é responsável por um grupo de 25 baianas e só são substituídas quando morrem. Mas, para serem aprovadas, é necessário a unanimidade das coordenadoras.

Além de suas próprias baianas, a Mangueira desfila com mais 25 baianas dos Filhos de Ghandi, também tradicionais, e 50 extras. Estas são senhoras idosas que desejam entrar um dia para a Ala, e, enquanto isso não acontece, fazem suas fantasias por conta própria.

Existem dois outros tipos de baianas na Escola: as de destaque, cujas responsáveis são Meil e Ercília; e as da Bateria, organizadas por Dona Zilá.

DE BLOCO DE ESTAÇÃO PRI



SUJO À MEIRA



CARTOLA e Maçu são dois dos fundadores da Estação Primeira que tiveram atuação das mais decisivas na Escola.

Marcelino José Claudino, o Maçu, foi o autor da idéia da fusão dos blocos de sujo do morro, e Cartola foi quem escolheu o nome e as cores verde e rosa para a Mangueira.

Ambos são os únicos fundadores ainda vivos e recordam com alegria a reunião na casa de "seu" Euclides, no dia 28 de abril de 1928, quando a Estação Primeira foi criada.

Além de Cartola, Maçu e o dono da casa, participaram também Deolinda — mulher de Cartola — José Spinel, Saturnino Gonçalves, Pedro Caimi, Arlindo Conrado, Saint-Clair e Joana Velha.

O Estácio havia conseguido reunir todos os seus blocos de sujo numa Escola de Samba: Deixa Falar; e Maçu achava que a Mangueira deveria fazer o mesmo. Sua idéia foi imediatamente aprovada, e a eleição da diretoria foi feita na hora: Saturnino Gonçalves, pai de Neuma, foi escolhido para presidente.

Cartola era ainda garoto. Tinha 16 anos de idade, mas era muito vivo. Já naquele tempo, fazia algumas composições e não era prosa, pois contam que ele sempre gostava de mostrá-las aos mais velhos para corrigir os erros e ouvir conselhos.

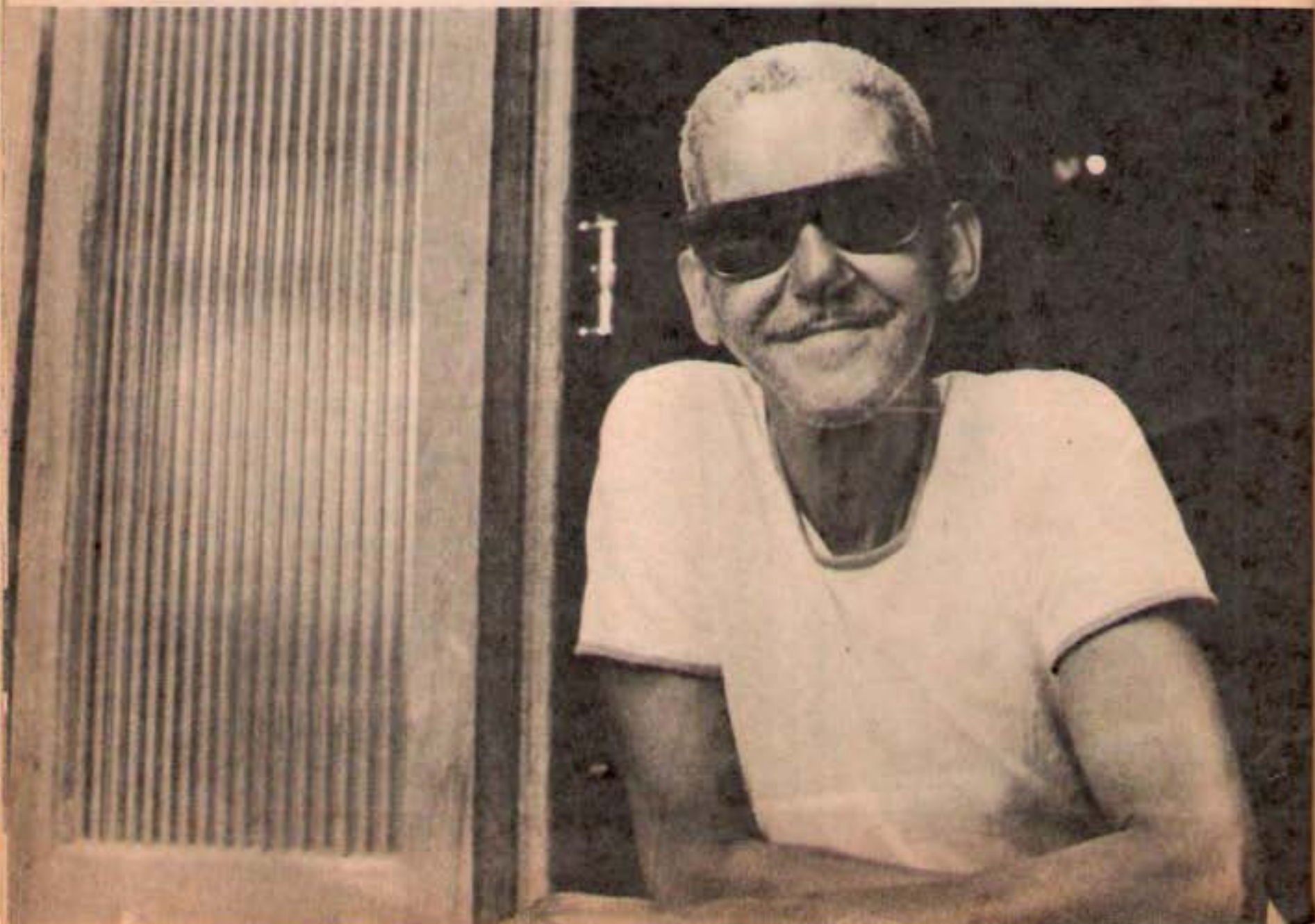
Por esses motivos, Cartola também era sempre procurado para dar sugestões. Mesmo porque, sua mulher Deolinda, falecida há cerca de 20 anos, era muito inteligente e o ajudou bastante.

— Foi por isso que me pediram para dar o nome e as cores da Escola — contou.

O nome, segundo Cartola, surgiu de imediato: Escola de Samba Estação Primeira. Ele explica que escolheu esse porque Mangueira era a primeira estação do subúrbio da Central.

— Mais tarde é que o próprio povo estendeu para Estação Primeira da Mangueira. Mas na ata de fundação e nos estatutos da Escola, o nome que dei ainda permanece — disse.

Quanto às cores, Cartola declarou que escolheu-as porque morava em Laranjeiras e lá havia o Rancho Arrepiado, que era verde-e-rosa. E argumentou:



— Não só continuo achando que o verde combina com o rosa, mas também acho que essas cores são definitivas. Elas não permitem o meio termo: ou a pessoa gosta ou não.

Fundada a Escola, os diretores passaram então a recrutar os blocos do morro, ganhando logo a simpatia dos seus responsáveis, como Tia Fé, Tia Tomásia, Julio, Mestre Candinho e os valentes dos blocos Arengueiro e Bôco.

Em 1929, em desfiles organizados por jornais, a Estação Primeira já participava com brilhantismo, tendo algumas das taças e troféus em exposição na sua sede atual. Os desfiles não eram oficiais, mas para uma Escola de Samba sair, era necessário enviar para todos os Distritos Policiais, o nome dos diretores da entidade para receber o "nada consta" na autorização.

Os primeiros ensaios da Escola, como contam Maçu e Cartola, foram na casa do Julio. Ele tinha uma sala razoavelmente grande no seu barraco e não se importou em cedê-la para a Estação Primeira.

O problema, porém, era o Nascimento, o valente do morro na época. Ensaio que não tivesse a autorização do Nascimento terminava antes de começar. Mas isso durou pouco tempo, pois até mesmo o valente Nascimento acabou aderindo à Escola diante da conversa de Saturnino, Maçu e Cartola.

— Na época, já havia o grupo infantil na Mangueira — esclareceu Maçu — e era bonito ver as crianças, depois dos desfiles, levar suas cestas de flores e adornos de suas fantasias para decorar a sala da casa do Julio.

Quando o ensaio tinha muita gente ou era dia de ensaio geral, eles o realizavam no Largo da Glória, no Buraco Quente.

— Se não fôsse noite de lua cheia — aparteu Neuma — tínhamos que fazer tochas com jornais e acender velas para dar claridade.

Mas, em 1932, depois de sofrerem muitas críticas por não ter uma sede em condições, a Estação Primeira resolveu fazer a sua.

— Antigamente, aqui no morro era tudo fácil — prosseguiu Cartola. Nós vimos um terreno vazio lá no Buraco Quente e nos apropriamos dele.

Para fazer a obra, foram iniciadas campanhas de tijolo, pedras e cimento. Maçu lembra que as crianças do morro ficavam às vezes o dia inteiro nas calçadas da Rua Visconde de Niterói pedindo trocados aos transeuntes para colaborarem também.

— Ela foi feita a título precário e com muito sacrifício — frisou.

Cartola, Maçu e Lucio Pato foram os que mais trabalharam na construção.

Em 1935, Saturnino Gonçalves morreu e a presidência da Escola passou a ser ocupada por Agenor de Castro. A Estação Primeira

já era a mais querida do público carnavalesco e o novo dirigente só pensava em ampliar sua sede.

Maçu e Cartola toparam a idéia e, auxiliados por outros abnegados, como Arlindo Maximiliano dos Santos e Carlos Cachaça, levaram avante o empreendimento.

Em 1937, a nova sede — hoje chamada de sede velha da Mangueira — estava erguida no mesmo local que a anterior.

— As portas e janelas foram colocadas — recordou Cartola — graças ao Cassino Atlântico.

Cartola já despontava como cantor e compositor, e Sílvio Caldas, então, conseguiu para ele fazer shows no Cassino. Ele se apresentava com um grupo de 20 assistas masculinos e femininos, e todo o dinheiro do cachê entregava ao presidente Agenor de Castro.

Depois disso, a Mangueira cresceu sem parar. Várias outras pessoas foram surgindo na Escola, com o mesmo entusiasmo e força de vontade. Maçu, Cartola e os outros fundadores que ainda estavam vivos continuavam vigilantes.

Marcelino José Claudino foi presidente da Estação Primeira sete vezes.

— Sempre que o negócio virava abacaxi e queriam acabar com minha Escola, eu assumia o cargo — contou.

Já Cartola nunca aceitou a presidência. Não por fugir à responsabilidade, mas porque era muito mais útil como diretor de Harmonia, cargo que exerceu até 1950.

Numa das vezes que estava na presidência, em 1942, Maçu criou o quadro social masculino e concedeu a honra, que era dele, de ser o sócio número um da Escola, a Francisco Ribeiro, o Chico Porrão, também pelos seus serviços prestados.

Mais tarde, em 1962, o presidente Manuel Pereira, Beleléu, fazia igual homenagem, na parte feminina, a Dona Neuma Golçalves.

Quando a Escola passou a ensaiar na quadra do Cerâmica, por volta de 1949, Maçu e Cartola se sentiram realizados com aquele engrandecimento, tão esperado por eles. Ambos, então, quase premeditadamente, começaram a se afastar pouco a pouco.

— Era o peso da idade que chegava e a necessidade da Estação Primeira ser dirigida por sangue novo — argumentou Cartola.

Hoje, Maçu e Cartola estão orgulhosos da Escola que criaram; recompensados do sacrifício que fizeram; atentos a tudo que se faz e que se passa na sua Estação Primeira. Continuam sendo consultados sobre os problemas mais sérios; continuam a dar sugestões; e continuam com a mesma força de vontade para voltar à atividade e à sua direção, se a Mangueira precisar.

BATERIA É QUENTE E AUTÊNTICA

O ritmo quente e tradicional da Mangueira, marcado pelo repique duplo do surdo, o que é usado com exclusividade pela Estação Primeira, tornaram a Bateria de Mestre Valdemiro a mais autêntica das Escolas de Samba.

Valdemiro Tomé Pimenta, com 67 anos de idade, é o Diretor da Bateria desde 1935, quando entrou para a Escola como ajudante do então diretor Mário Nogueira. Em 1938, assumiu sozinho a responsabilidade da Bateria, e só em 1957, quando já começava a sentir o peso da idade, é que arranhou alguns auxiliares.

Durante 14 anos consecutivos, Valdemiro conseguiu a nota máxima para a Bateria da Mangueira. No ano passado, porém, por um erro de formação diante do palanque da Comissão Julgadora e pelo cansaço do seu pessoal depois de mais de duas horas de desfile, tirou a nota 5.

Valdemiro chorou muito, e chegou a pedir demissão do cargo. A Escola não aceitou e isso fê-lo redobrar os esforços. De 365 componentes, a Bateria vai se apresentar, este ano, com 153. Todos foram obrigados a fazer um teste, antes de receberem o figurino da fantasia, e a seleção foi muito rigorosa.



UM CÂNTICO À NATUREZA

Samba-Enrêdo da Mangueira para o Carnaval de 1970

Autores: NEY, AYLTON e DILMO

I

*Brilhou no céu o sol, oh que beleza
Vem contemplar a natureza,
Vem abraçar a imensidão, imensidão . . .
Onde na pesca ou na plantação
Pedras preciosas ou mineração*

*Rios, cachoeiras e cascatas
Frutos, pássaros e matas
Enobrecem a nação* } *Bis*

*Oh lugar . . . oh lugar . . .
Tudo que se plantar dá
Terra igual a esta não há* } *Bis*

II

*Imenso torrão de natureza incomum
Onde envaidece qualquer um
Praias e flôres
Inspiram amôres*

*E o petróleo te deu mais vida
Solo de vultos imortais
Direi teu nome e não esquecerão jamais*

*Oh pátria querida
De natureza tão sutil
Tens belezas mil
Isto é Brasil . . . isto é Brasil . . . isto é Brasil . . .*

Edição Especial de QUADRINHOS

MANGUEIRA

